

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
**Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB**

**Segunda Temporada**

**Episódio 13 – “O jogo do vai e vem”**

**Transcrição: Irene Chemin e Pedro Ribas (UnB)**

**Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)**

Legenda:

**Blocos**

**Sonoplastia**

**Extras**

## **ABERTURA**

Música de abertura: “Mudernage”, de Ellen Oléria. A música tem uma batida moderna, ritmada e pop. Tem sons marcados. A música diminui, fica o instrumental baixinho ao longo das falas iniciais.

“Tá pelo mundo (ho!) essa mudernage  
Esse balanço roto pra fazer você suar  
Tá pelo mundo (ho!) essa mudernage  
Esse balanço roto... roto”

**Daniela:** Olá, eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jonalismo, da Unicamp.

**Soraya:** E eu sou Soraya Fleischer, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. E hoje vamos conhecer duas professoras que juntas fazem pesquisa sobre infância, escola, brincadeiras e histórias.

**Daniela:** Esse é o episódio “O jogo do vai e vem”. Luciana Hartmann é gaúcha, estudou Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e depois fez mestrado e doutorado em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Hoje, ela é antropóloga, atriz e professora no Departamento de Artes Cênicas na Universidade de Brasília.

**Soraya:** Já no TCC dela, no projeto que ela elaborou para concluir a graduação, ela se interessou por histórias. O TCC foi uma peça de teatro, na forma de um monólogo em que ela interpretou um contador de causos. E ela nunca mais parou de ouvir e contar histórias.

**Daniela:** Os contadores e contadoras se tornaram os grandes interlocutores dela. Ela fez pesquisas com velhos contadores de histórias na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina; e nos

últimos anos ela faz pesquisa com crianças em escolas de Brasília e crianças em escolas na França e em Portugal. Agora, são as crianças que contam as histórias.

**Soraya:** Isso mesmo! E foi assim que a Luciana conheceu a Ariana Furtado, uma professora de Ensino Fundamental lá em Lisboa. A Ariana é cabo-verdiana, e com a sua família migrou ainda bebê para Lisboa. Ela se formou em Pedagogia, depois ela estudou Línguas Estrangeiras em Portugal e na França, e ela é professora há mais de 20 anos. Esse episódio foi gravado de um jeito diferente: uma parte com a Ariana, foi feita no Discord. Uma outra parte, com a Luciana, foi feita ao vivo, presencialmente, num espaço aberto, é, e tem um pouco de ruído do lado de fora. E depois com a Dani foi gravado no Meet, tempos de radiofonia na pandemia.

### Parte 1: As contadoras

**Criança:** “Olá amigas e amigos, como estão aí em casa!? Tenho saudades vossas, por isso partilho um bocadinho de uma música de que gosto:

Saudade, saudade, saudades tenho dos meus amigos...

Tenho saudades dos meus amigos, da minha professora...

Tenho saudades da escola, dos pavões da escola, e tenho muitas saudades...

Saudades, saudade, saudade dos meus amigos tem saudades.

**Luciana:** Quer falar sobre criança? Não dá pra começar com uma citação de um adulto. Você tem que começar com a voz da criança, são estratégias de escrita mesmo, de apresentação.

**Daniela:** Essa história que vocês ouviram vem da Rádio Pavão, um projeto realizado por crianças em Lisboa, que a Ariana conhece muito bem e que Luciana passou a conhecer, nos últimos tempos, com sua pesquisa.

**Luciana:** Vamos lá... Então eu vou para Portugal, né... para fazer essa pesquisa. O meu supervisor lá, o professor que me recebeu lá é parceiro que trabalha com a antropologia da performance, também com militância e performance, movimentos sociais, que é o Paulo Raposo. O Paulo Raposo, por sua vez, tem uma filha que tava com sete anos de idade, Pillar, e que estava no primeiro ano numa escola pública. Quem era a professora da Pillar? A Ariana. O Paulo então falou assim: “Você pode falar com a Ariana, professora interessadíssima em projetos e em receber projetos... ela é uma mulher cabo-verdiana, e t, nossa, esse tema de trabalhar as diversidades das crianças, as narrativas, fala com ela!”.

**Ariana:** Eu sou professora do primeiro ciclo, trabalho com crianças entre 6 e os 10 anos de idade, em uma escola no centro de Lisboa. Uma escola que é uma escola multicultural, com crianças vindas de todas as partes do mundo. E é nesse contexto que trabalho há muitos anos, e tendo estado sempre em escolas com muita presença de crianças migrantes. Portanto, eu própria, fui e sou uma adulta migrante. Nasci em Cabo Verde, vivi em Portugal desde os 15 dias, há 44 anos [risos]. Sou formada em português e francês. A maior parte da minha família migrou para a Europa, nomeadamente para a França, e a minha mãe e meu pai para Portugal. Han... Comecei meu percurso de ensino precisamente em França, em Lyon. Fui professora em Lyon. E... e depois eu voltei para Portugal, só fiquei um ano [risos]. As saudades eram muitas e seriam muitas se eu tivesse decidido ficar em, em França.

**Soraya:** A Ariana trabalhou em muitas escolas, em vários bairros e com vários perfis de estudantes. Mas ela tem trabalhado como professora, e agora como diretora, na Escola do Castelo.

**Luciana:** Como é que você descreveria, Ariana, esse entorno da escola que é bem peculiar, e é bem emblemático, né, de Lisboa. Quando a gente chega ali, a gente vai né, descobre a escola naquele contexto ali.

**Ariana:** É a escola que parece uma casinha ali naquele bairro, Castelo. E o som mais ouvido naquela, naquele bairro é o som das crianças na escola primária a brincarem e a terem aulas. Porque é um, o bairro do Castelo São Jorge é um bairro muito envelhecido em termos populacionais. Portanto, o bairro onde está a escola em si, é um bairro mesmo no centro de Lisboa, onde fica o Castelo de São Jorge, que é o monumento mais visitado de Portugal, as pessoas que lá habitavam são, sobretudo, pessoas com alguma idade. Muito pouca gente nova, porque era, é considerado um bairro muito caro em termos econômicos, porque é mesmo o centro de Lisboa, uma zona muito encarecida, se tornou cara com o turismo na cidade e só lá ficaram as pessoas que já viviam lá há muito tempo. É um bairro muito, muito pitoresco, muito, muito bonito, as casas baixas, muitas tradições lisboetas antigas. E até o início da pandemia a vida naquele bairro eram as crianças misturadas com os muitos turistas e misturadas com os velhotes, as pessoas de idade do bairro. E muito comércio pra turistas. E com o início da pandemia desapareceu o turismo, desapareceu totalmente. Portanto ficaram os idosos, fechados em casa praticamente, saem muito pouco para os cafés. E, han, e as crianças, portanto, a escola transformou-se assim em algo muito importante para este bairro, porque é sinal de vida. É onde estão as crianças, é onde está o futuro e é onde está o barulho e, e os velhotes do bairro dizem, é, que o som daquelas crianças durante o dia faz-lhes a, a alegria dos dias, porque efetivamente está uma cidade muito transformada.

#### Depoimentos dos adultos e idosos do Bairro do Castelo:

“Está triste, não, não se vê ninguém, falta movimento, falta ouvir as crianças, falta ouvir tudo, não se ouve nada, nada nada.”

“Falta o barulho das crianças logo de manhã, e à tarde quando saem. Sempre, sempre as crianças fazem a festa [risos], brevemente vão pra escola outra vez.”

“Isso tudo vai passar, espero que rápido não é? E cá estamos todos no Castelo à vossa espera, vamos fazer uma festa!”

“O Castelo tá muito calminho, tá a espera de vocês, vocês é que dão vida aqui ao Castelo, espero que voltem todos brevemente, e cheio de vontade, voltar pra escola!”

**Daniela:** Ariana, e aí, se eu entrar pelo portão da escola, e chegar à porta da sua sala de aula, o que eu encontro?

**Ariana:** A porta é de vidro. Portanto quem está de fora consegue espreitar para dentro e ver [risos] a disposição das cadeiras. Eu costumo trabalhar sempre em U, para que eles possam ver-se uns aos outros. É... Quando se entra na minha sala vê-se um grande cordel, porque eles fizeram, portanto, um autorretrato, deles próprios que estão neste cordel.

**Soraya:** Conta pra gente, Ariana, como é que tem sido essa experiência de receber crianças de todos continentes...

**Ariana:** O fato de nós sermos uma escola com bastante diver, diversidade. E eu digo que é uma das maiores riquezas porque... eu não, não, não quero generalizar, claro. Mas, é... Muitas pessoas não lidam muito bem com essa diversidade, não lidam muito bem com é, as possibilidades que o fato de estarmos a trabalhar com crianças que provêm de diversas realidades diferentes, pessoais, socioeconômicas, culturais... E... Pra mim é muito claro: tudo é uma possibilidade, tudo. E o fato, o que me levou a querer ficar nessa escola foi precisamente o fato de ali eu trabalhar com crianças, eu poder ajudar crianças, poder

ajudá-las a encontrar um lugar na sociedade, um lugar no, no espaço onde elas vivam, é... crianças muitas diferentes. E é, esta turma que eu tenho, é uma turma assim, que dispara essa realidade. Temos muitas crianças, é, de origem asiática, algumas até já nasceram em, em Portugal, provenientes do, provenientes do Nepal, de Bangladesh, da Índia, do Paquistão. Crianças provenientes do continente africano, das antigas, ditas colônias portuguesas, Cabo Verde, Angola, Guiné Bissau. Crianças provenientes da Europa também, de outros países, Itália, França, Espanha. E elas encontram-se todas ali, e, e elas não se sentem diferentes umas das outras, porque vivem, e querem viver o momento delas, que é a infância.

Crianças cantam a canção “Sou a Escola”:

Nesta escola vou ficar

Alguns anos a aprender

A crescer como pessoa

Poder dar p’ra receber

Construir o meu futuro

Na minha segunda casa

Aprender e ensinar

Saber ser e saber estar

Nesta minha caminhada

No sentido do saber

Lado a lado com os amigos

Eu sei que poderei vencer.

**Ariana:** O que, o que eu tento fazer com elas é um trabalho de autodescoberta, da cultura que elas transportam, que muitas vezes elas sentem-se obrigadas a, a reprimir, sobretudo os alunos de origem chinesa, têm, têm muita dificuldade na integração plena, e isso até começa, eu dou-lhes um exemplo, nos nomes: muitas vezes, vão à procura de nomes portugueses, pra não se sentirem ridicularizados no espaço escolar. Han, e, e eu começo muito um trabalho com os pequeninos na autovalorização, na auto... na identificação deles próximos, da cultura deles, para que seja algo natural, nós começamos respeitar-nos uns aos outros, é, pelo nome. O nome é uma herança muito forte, muito bonita, o nome foi escolhido por pessoas que nos amam, e é fruto do, de uma escolha cultural também, muitas vezes, outras vezes não, mas muitas vezes é. E, e na nossa escola, portanto, nós temos um trabalho muito nessa área. Portanto, procuramos muito através dos livros, histórias que nos transportem pra outros países, outras realidades, outras formas de ver o mundo, outras formas de conversar com o mundo, ler o mundo, ver o mundo, sentir o mundo, e... e que pouco em pouco eles sintam que as diferenças que transportam, são valorizadas, e são uma mais-valia. Não tem que ser um desconforto, não tem que ser algo que eu tenho que esconder para se integrar melhor, é, no bairro, na sociedade. É... E, eu acho que nesse aspecto temos conseguido de pouco em pouco, não é, ir fazendo esse trabalho de, de autovalorização.

**Luciana:** eu não sei se você conhece “La cour de babel”, que é um documentário que foi feito durante um ano numa escola, numa classe dessas de acolhimento de crianças não francófonas. E que é isso, é uma Babel né. Então a documentarista, a diretora acompanhou um ano, e ela propunha algumas coisas, e... Uma das coisas que ela propôs, e que eu fiz depois com as crianças também, foi de cada uma trazer um objeto, do seu país de origem, ou da sua família, ou alguma coisa né pela qual ela tivesse apreço, e contasse a história daquele objeto. Eu propus pra professora, ela gostou da ideia também. E as crianças trouxeram objetos tão diferentes, teve uma que trouxe um frasco de perfume, ela falou: “Esse era o cheiro da minha casa, porque lá no Chade, a gente, han... a ca... sempre tem muito perfume, a nossa casa tem que ser muito perfumada.” A gente tem que ir com muita, muito cuidado né Ariana, por que essas lembranças também às vezes são muito dolorosas também, porque é uma lembrança do que ficou pra trás, nem sempre essa saudade é uma saudade gostosa, né, às vezes traz muita tristeza. Outra coisa que eu vejo muito nos discursos até oficiais ainda, é que se fala muito que as crianças imigrantes são

responsáveis por grande parte do fracasso escolar, digamos assim, nos índices de fracasso escolar, as crianças imigrantes sempre são colocadas nisso. Mas se a gente olhar por outro ângulo, as crianças imigrantes são as que falam às vezes 4 ou 5 línguas, elas têm uma experiência de vida, ou seja, depende do que você vai avaliar para considerar, né, que, que a criança tem mais conhecimento ou não.

**Soraya:** Ariana, você poderia nos contar um pouco sobre isso, é.. assim, como é que na sua sala de aula, na prática, você trabalha com isso?

**Ariana:** Claro, eu dou um exemplo muito, muito recente, muito fresco, que é assim, nossa, a nossa grande paixão do momento, nós criamos uma rádio escolar que se chama Rádio Pavão! [risos]

Abertura da Rádio Pavão: efeito sonoro de pizzicato ao fundo.

**Locutor:** Rrrrrrádio Pavão! [canto do pavão] Fique em casa! Ir pra rua, não!

**Criança:** bom dia, Rádio Pavão!

**Soraya:** Por que chama Rádio Pavão?

**Ariana:** Ah! Porque o símbolo da nossa escola é o pavão. Porque nós, no Castelo, temos muitos pavões, muitos pavões à solta, e eles costumam muitas vezes ir visitar a nossa escola, misturam-se com os alunos e andam por lá, as vezes entram na salas d'aula [risonha]. E então a nossa escola tem um grande mural com um pavão lá desenhado. E, e, ficou, foi o nome escolhido.

**Luciana:** Ah, a Rádio, Ariana, foi criada no contexto da pandemia, né?

**Ariana:** E no fundo pra mim a rádio foi também uma forma de tirar a imagem. Estava a me sentir saturada com aquela imagem, com aquela imagem que eu tinha da imagem de ter que dar aulas através do computador e olhar pra eles e às vezes, a imagem que eu via não era aquilo que eu sentia, e, eu queria ouvir as vozes só. E, e eles, tam... pronto, eles não, eles não sei, nem tanto, eles adoram como nós sabemos essa história [risonha] do computador e tudo. Mas eu enquanto professora fez muita falta ter só as vozes, só os, as vozes deles.

**Ariana:** E vamos fazendo rubrica, rubricas, e diversas atividades pra rádio. Não sei se me entendem quando falo de rubrica? Um espaço, um espaço na rádio, entendeu [riso], um espaço dedicado a vários temas diferentes, a música, a entrevista, a.. a participação dos pais e por aí fora. E as crianças migrantes têm encontrado na Rádio Pavão, han, espaços pra elas apresentarem... aquilo que elas são, aquilo que elas gostam, han, os países que elas vêm, através da música, passando muita música, do, do, país delas, e através da língua, levando, a uma, um espaço que é precisamente dedicado, é uma espécie de tradução, não é, elas dizem palavras na língua de origem, e depois dizem o termo equivalente em português, pronto. E nisso nota-se um brilho diferente no olhar. Porque, de repente, a língua delas deixa de ser, han, um obstáculo. E passa a ser algo que é valorizado, que é entendido como muito importante, como parte de, mas que tem um equivalente também na língua portuguesa.

Som de baixo permanece ao fundo durante todo o trecho. Um zunido vai de cima a baixo, agudo.

Voz feminina narra: "Língua de fora!" [barulho de língua pra fora e logo em seguida efeito sonoro de máquinas tecnológicas, uma voz robótica fala rapidamente "that's correct!"] . "Vocabulário para voar"

Voices de crianças: "asas"

Voz feminina: "hindi"

Voz de criança: pankh

Voz feminina: "punjabi"

**Soraya:** Luciana, você também esteve pesquisando em escolas na França. Você pode contar como foi essa experiência para você?

**Luciana:** Eu senti assim: no meu trabalho na França, o fato de eu ser uma pessoa de fora também com as crianças, eles gostavam muito disso, então eles me corrigiram no francês, eles me ensinavam coisas, e isso gerava uma identificação também, ou seja, eu não era aquela pessoa que exercia uma hierarquia né, se colocava numa posição, e isso pra mim foi muito legal.

**Soraya:** E para você, Ariana, que se definiu como migrante no começo da nossa conversa... como é isso?

**Ariana:** O que eu passo para as crianças, me sinto mesmo como uma cidadã do mundo [risos] acho que no fundo eu tento nunca esquecer muitas heranças em mim, portanto isso é muito importante. Eu nasci em Cabo Verde, é assim que me apresento, mas vivi a maior parte de minha vida em Portugal, e vivo em Portugal, que é de onde eu tenho sempre muitas saudades sempre que eu vou pra fora, passar as temporadas fora e... mas no entanto, vivi e sou uma apaixonada por Lyon, porque foi lá que comecei a dar aulas e trabalhar... ahn... Conhecer é sempre enriquecer, não é? E isso faz com que nós sejamos mais ricos, é inevitável. Sobretudo se nós soubermos olhar com respeito todas essas culturas, não é? Sabermos também passar uma imagem de respeito. Porque obviamente, é... as imagens que nos chegam do continente africano, na maior parte do tempo são sempre imagens muito trabalhadas para a desgraça, pra miséria, pras dificuldades econômicas, pras guerras civis, não é? E isso acaba por não ajudar na integração das crianças que chegam do continente africano porque elas sentem vergonha de fazer parte de uma herança destas, não é, de uma herança que é fruto de guerras, de desigualdades econômicas, fuga para uma vida melhor...

**Luciana:** Eu fico com muita vontade de continuar essa conversa e saber mais da Ariana, porque a gente tem muita coisa em comum com nossos interesses de trabalho, com nossos desejos de mudança [risos] social, que eu acho que é isso que partem dessa formação, a escola que é muito importante nisso e nesses anos iniciais, assim, isso, se a gente conseguisse trabalhar né, de uma forma mais abrangente, eu acho que aí sim a gente podia ter uma mudança social de impacto, né, Ariana.

**Ariana:** É porque essas questões não podem ser iniciadas no ensino secundário ou na universidade. Tem que ser questões que tem que ser conversadas, tem que ser questões discutidas, pensadas e trabalhadas logo na primeira infância.

## MIOLO

Criança canta uma canção a capela, que se estende ao fundo da conversa.

Mama quer, margarida minha flor.

Quer, Mama quer, margarida minha flor

Daman quer, mama quer, traz de volta meu amor...

**Soraya:** Sabe, Dani, eu fiquei muito encantada com a Rádio Pavão! Quando a Ariana comentou deste projeto, eu achei uma forma muito massa de fazer com que as crianças tivessem espaço para comunicar suas vozes, ideias e anseios naquele momento em que tava todo mundo isolado em casa. A Rádio,

chegando na casa destes estudantes, também foi uma forma de manter essa comunidade escolar aquecida e em contato. E, claro, pela participação de diferentes crianças, mantendo o que é tão valorizado pela Ariana, essa diversidade regional de vozes.

**Daniela:** E para nós do Mundaréu, né Sora, que maravilhoso podermos falar justamente de um material em áudio! Tem tudo a ver com a gente!

**Soraya:** Isso! E o exemplo da Rádio Pavão também é legal para ver, na prática, as crianças atuando, elas fazem as perguntas, elas realizam a entrevista ou cantam a música, elas editam a gravação, elas apresentam o programa e tal. A criança é a radialista, é também a pesquisadora. E isso tem muito a ver com o trabalho que a Luciana tem proposto na Antropologia da infância que ela tem feito.

**Daniela:** É mesmo. A gente vai ver, no próximo bloco, que a criança é uma interlocutora muito ativa pra Luciana. Além disso, a gente já começou a perceber que o trabalho dela passa por uma fronteira: fronteira geográfica (Brasil e França/Portugal; RS e Uruguai e Argentina); fronteira linguística (sotaques regionais, línguas diferentes, falar e contar, falar e calar); fronteira geracional (velhos e crianças; antropóloga e crianças); fronteira disciplinar (Teatro e Antropologia; Pedagogia e Antropologia; Performance e Literatura; Pesquisa e escola). E a Ariana e suas turmas na Escola do Castelo também estão em várias destas fronteiras, né?

**Soraya:** Bom, vamos ver como essas fronteiras têm permitido que a Luciana faça sua Antropologia com as crianças e suas histórias, seus causos, com essa ênfase no contar.

#### Criança cantando melodia leve e reflexiva ao som de violão

“Vais receber o melhor presente

Vais receber um melhor amigo

Que o saibas estimar e querê-lo pra sempre

Que vai partilhar a vida toda contigo

Que o saibas cuidar

Os irmãos mais velhos são

Tudo ensinar

Os heróis do batalhão

Que o saibas amar

Da nova geração”

#### PARTE 2: O contar para dar aula, para apresentar resultados acadêmicos, para fazer antropologia

**Soraya:** Eu queria começar essa segunda parte do episódio propondo para a Luciana. Queria que você se colocasse no lugar de uma Luciana de 10 anos de idade, tá? Luciana com 10 anos, você tá numa escola pública lá em Santa Maria, e aí chega uma antropóloga para fazer pesquisa dentro da sua sala de aula. Como você vai contar essa história pra sua mãe, quando você chegar na hora do almoço? Como você conta essa história?

**Luciana:** Deixa eu pensar..... Eu ia dizer, “mãe, teve uma pessoa lá, não entendi bem o que que ela é, o que que ela faz, mas ela ficou fazendo umas perguntas lá pra gente e eu fiquei muito curiosa, fiquei muito curiosa com ela, tem um negócio de anotar, de caderno, ela disse que vai dar uns cadernos pra gente e eu to louca pra ver que caderno ela vai me dar, se eu vou gostar, e o que é para eu anotar. Ela disse que é pra gente pesquisar coisas, anotar, eu to pensando, não entendi muito bem o que que é, mas eu to pensando no que eu vou anotar da minha vida, das coisas que a gente vê aqui, das histórias”. Eu falaria para a minha mãe, fiquei pensando nas histórias do meu avô, que eram umas histórias muito loucas que

às vezes não terminavam, que se repetiam, mas eu adorava as histórias dele. A primaiada toda fugia do meu avô, e eu ficava ali olhando para ele porque tinha alguma coisa que não era a história em si, que era a maneira dele contar, que é um acolhimento né, o contar é um convite que vem a compartilhar comigo alguma coisa. Tipo, “Ah! Vamo tomar um chimarrão junto, vamo tomar uma cerveja, vamo contar uma história juntos, você quer ouvir o que tenho para te contar”. Eu iria ficar muito curiosa com essa pessoa, eu ia fazer muitas perguntas pra ela, pra essa antropóloga, e eu iria querer virar pesquisadora junto com ela. Porque eu sempre fui dos caderninhos e das anotações, eu era talvez essa pequena pesquisadora, que de alguma forma, eu convido as crianças a serem.

**Daniela:** E hoje você faz justamente isso na sua relação com as crianças no seu trabalho de campo, né Luciana?

**Luciana:** Na minha relação com as crianças, em primeiro lugar eu me apresento, eu falo quem eu sou, eu proponho um jogo, que é pra gente trabalhar com o corpo como um todo, pra nós criamos uma relação de confiança, de afinidade. Então, a gente trabalha primeiro sem falar muito, um jogo, e aí eu conto uma história, que pode ser uma história de livro, mas normalmente eu começo contando uma história minha, de alguma coisa que eu vivi. Então, eu tô dizendo, “Olha, eu confio em vocês” (como eu tô contando pra vocês agora), “Olha, eu confio em vocês, que vocês vão escutar” e isso vai despertando. Então, se eu conto por exemplo, ali, no caso na França, “É, eu sou brasileira, eu venho lá do sul do Brasil”, aí eu mostro no mapa, e eu vou contando alguma coisa, às vezes eu não preciso terminar de contar e alguém diz assim, “Ah, mas eu também moro no sul, eu vim do sul da África”. Entende? Então, são essas conexões do vai e vem mesmo.

**Daniela:** Mas como você atua como pesquisadora dentro da sala de aula?

**Luciana:** Eu não faço necessariamente uma pesquisa etnográfica de observação participante. Não! Eu sou uma professora de teatro, eu sou uma, uma pessoa que tá disponível pro jogo, então eu vou propor coisas também. A gente tem chamado isso, os meus estudantes têm ajudado nesse processo, a gente tá chamando de pesquisa etnográfico-propositiva, e recentemente um aluno de doutorado meu falou “é uma pesquisa etnográfica performativa”. Então, a gente tá também, é isso né, experimentando entender o que que é, não estamos inventando nada, mas a gente tá aprimorando, digamos assim, e vendo as especificidades do método etnográfico no contexto onde a gente tá, no caso a escola. Então, voltando a essa questão do método né. Eu aprendi com os contadores de causos lá, da... dos galpões, da fronteira, das cozinhas, que ouve história quem conta história. Então, muitas vezes, eles me olhavam e diziam que que ela tá aqui né me perguntando coisa eu dizia, “ah, cê conhece uma história de lobisomem?” “Conheço...”. Aí eu dizia assim, “Não, porque eu ouvi o seu fulano lá na outra fazenda me contou que o irmão dele que não sei quê, não sei quê”. Aí ele, “ah, mas essa história eu conheço e eu vivi uma coisa parecida com essa”. Então, é aquela coisa de uma história que puxa a outra.

**Daniela:** É o que você tem chamado de o “jogo do vai e vem”, certo?

**Luciana:** O jogo do vai e vem eu vou explicar, então. É um jogo da minha infância, era um brinquedo. Era tipo uma bola, quase que uma bola de beisebol sabe, um, uma, um formato assim de plástico. Quando você abre aqui você manda a bola pro outro lado, e tem um tempo isso, a pessoa lá recebe e aí você tem que fechar pra, é quase como uma gangorra, a ideia da gangorra também que um movimento de um depende de outro. Então esse jogo do vai e vem tem muita relação com o contar e ouvir histórias.

**Criança:** O palácio das memórias é tipo... um palácio normal, no mundo normal. Mas tem um palácio e esse palácio é um pouco diferente. Tem várias portas, cada uma para um mundo diferente. Eu entro lá quando não quero estar no mundo. Cada mundo que tem lá no meu palácio das memórias é um sonho. Se eu dormir, eu volto para o palácio das memórias. Se eu quiser ir do palácio das memórias, eu volto

para o mundo normal.

**Luciana:** Eu adoro o encantamento das histórias, assim, eu gosto, eu sou daquelas que gosta de mergulhar, mas ao mesmo tempo eu gosto de saber, hmmm como é que ela foi produzida? Como é que ela foi criada? Qual é a estrutura da história, que é essa coisa da pesquisa, né? E aí a gente vai. Então, tá muito imbricada, a prática antropológica, tanto é que eu nunca deixei de fazer pesquisa, né, tô nas artes cênicas e tô tentando cada vez mais juntar, né, faço pesquisa antropológica em escola e com o teatro também, né.

**Daniela:** E como as histórias da sua infância e também as histórias que te contam hoje em dia nas suas pesquisas entram na sua prática acadêmica?

**Luciana:** Eu tenho uma preocupação, como professora e faz parte da minha ética de trabalho de desvendar, de revelar o meu próprio método. Se eu for fazer um jogo, eu digo assim, “A gente fica em círculo, alguém sai da sala e não sei o que”. Quando termina, eu digo assim, “Gente, esse jogo eu aprendi na universidade...com um professor assim-assado, que por sua vez...”. Estão entendendo? Então, eu acredito que assim, eu não só dou o conteúdo mas eu também dou a ferramenta para que eles tenham a forma, o método também. Eles possam articular e ir atrás disso. De alguma forma eu revelo o meu próprio *modus operandi*. Porque eu quero que as pessoas tenham claro que isso é consciente. Enfim, eu, no caso, que faço essa pequena janela, conto uma história e volto e faço questão de dizer, “Vocês viram o que eu fiz?”. Ou quando eu abro uma aula e conto uma história pessoal minha, “Nossa, gente, hoje de manhã aconteceu tal coisa com minha filha e não sei o que”. Eu termino e digo, “Vocês viram o que eu fiz?”. Às vezes eu não é imediato. Às vezes eu falo na outra aula: “Gente, isso se chama criar empatia, se vocês não me reconhecerem como um ser humano que tem problemas, que tem questões, que têm uma vida, como é que vocês vão confiar em mim?”. Pra mim, isso é importante. Em sala de aula, essa relação de empatia, de cuidado, pra mim, cada vez mais é importante.

**Soraya:** É muito interessante como você vê uma hierarquia entre as diferentes formas de falar na universidade.

**Luciana:** E aí eu volto para questão da hierarquia, de uma certa hierarquia entre dar uma aula teórica com muitas referências ou eu contar uma experiência. Eu penso, Soraya, que tem a ver com uma hierarquia de relações de gênero. Cabe aos homens a grande teoria, né, e as mulheres contarem as histórias de suas etnografias. E eu penso assim: de repente meu lugar no mundo é esse, o das histórias. E tem teorização aí, porque o pensar, o contar é uma outra forma de teorizar que não está legitimada dentro da linguagem acadêmica. Aí é que tá, eu acho que aí é o pulo do gato, e a gente parar de querer alcançar uma forma lá e dizer, não, essa forma que eu faço também é legítima e eu também estou teorizando. Não é só na transmissão de conhecimento. A gente diz que as histórias criam conhecimento, mas as histórias também produzem.

**Daniela:** E no escrever, no apresentar os resultados de suas experiências, como pode aparecer o contar?

**Luciana:** Eu tive um professor também, que é o Oscar Calavia Saez, um espanhol da UFSC que me deu aula de metodologia. E basicamente ele dizia para a gente ler etnografias. Na época, era no mestrado, eu fiz minha pesquisa de campo de dois, três meses e voltei cheia de material, de gravação de fita cassete. E eu disse: “Oscar, eu não sei por onde começar, como é que eu trabalho com esse material?”. E ele me disse assim, “Conta história! Escreve como se estivesse contando para alguém”. Olha só, essa foi umas das maiores lições de metodologia que eu tive, metodologia de escrita. Até hoje, eu falo pros meus alunos, “Escreve como se estivesse contando para alguém, de preferência que não seja para seu professor ou professora. Conta para uma amiga, conta para sua avó, conta para alguém que você quer realmente

explicar, alguém que não conhece, que não vai te julgar, alguém que quer ouvir a sua história”.

**Soraya:** Mas eu acho, Lu, que tem uma contradição aí, né? Em campo, as pessoas no campo nos contam por meio das histórias. O que aconteceu com elas, suas vidas... então, lá, a gente gosta de ouvir, a gente participa do jogo do vai e vem, né, como você diz. Mas quando chega nos nossos pares, nos nossos eventos, a gente não aceita muito bem que as apresentações ou as defesas, por exemplo, tenham performance, tenham histórias.

**Luciana:** Eu pesquiso o contar e a minha forma de apresentar trabalhos em congressos é com o contar, forma e conteúdo, pra mim, estão juntos. Eu não posso pesquisar performance chegar e ler um paper. Eu que vinha do Teatro, eu comecei a trabalhar com antropologia da performance, então assim, para além da questão do conteúdo do que estava sendo narrado, eu sempre tive muito interesse na questão da fala, na forma como está sendo narrado, qual o contexto da narração, como que se dá esse evento de performance. Que tem uma questão do corpo, da voz, da entonação, das pausas. O silêncio acompanha a performance. Então, num texto, como eu vou descrever o silêncio em um texto? “Silêncio”.

#### O silêncio - rubrica da Rádio pavão

**Criança 1:** O silêncio é ficar sem falar. Acho que pensar no silêncio é uma das coisas que eu faço menos. Só faço quando estou no quarto. E eu penso: vou ficar em silêncio para conseguir ouvir!

**Criança 2:** Então eu faço silêncio e sei que existo

#### Despedidas - rubrica da Rádio pavão

**Ariana:** Olá rádio pavão! Olá meninos! Já reconheceram a minha voz? Sim, sou eu, a professora Ariana. Como estão? Eu espero que estejam a viver estes dias com muita calma, com muita alegria e, sobretudo, serenidade. Muito muito em breve vamos todos vernos naquele grande pátio da nossa escola e darmos todos um grande abraço. Eu guardo na minha memória todas as casas dos alunos do Castelo

Vinheta da Rádio Pavão: “Rádio Pavão! Fica em casa, ir pra rua, não! (Sons de pavões ao fundo)

#### Fechamento

**Soraya:** Esse foi o 13 episódio do Mundaréu, o quinto episódio dessa temporada. Eu gostei muito de produzir um episódio sobre antropologia, sobre escola e sobre crianças. E eu achei muito lindo ouvir ao longo de toda essa conversa as vozes infantis da rádio pavão. A Ariana tem razão, a diversidade é um tema que deve ser tratado desde muito cedo. Eu quero agradecer a todas as pessoas que participaram desse episódio, em especial as crianças, a Ariana, a Sílvia que trabalha com ela na escola e à escola do Castelo como um todo.

**Daniela:** Agradecemos à turma que montou esse episódio, Irene Chemin, Melissa Belquivacua, Raissa Magalhães e Pedro Ribas, que ouviram todos os episódios da Rádio Pavão e fizeram a seleção dos textos que melhor dialogam com nosso episódio. E ao Lucas Carrasco que finalizou esse episódio. A Irene e a Mel, inclusive, participaram da conversa prévia, lá em Brasília, em Novembro de 2020.

**Soraya:** Agradecemos então à Luciana, por ter conversado conosco, por ter nos apresentado Ariana. E também agradecer por todos os apoios que o Mundaréu recebe. No caso da Unicamp, recebe apoio do PIBIC, do SAE e ProEC. No caso da UnB, recebe apoio do PIBIC, do CEAD e do Departamento de Antropologia.

**Daniela:** Você encontra materiais extras sobre o episódio no nosso site <https://mundareu.labor.unicamp.br/> E nos sigam nas nossas redes, no Instagram, Twitter e Facebook, em “Mundaréu Podcast”

**Soraya:** Mundaréu faz parte da Rádio Kere-kere, que é uma rádio de vários podcasts de antropologia. Para conhecer é só ir no [www.radiokerkere.org](http://www.radiokerkere.org).

**Daniela:** Até mês que vem

**Soraya:** Tchau Dani, tchau pessoal, até lá!

Música “Mudernage”, da Ellen Oléria.

“Tá pelo mundo (ho!) essa mudernage  
Esse balanço roto pra fazer você suar  
Tá pelo mundo (ho!) essa mudernage  
Esse balanço roto... roto”

A música tem uma batida moderna, ritmada e pop. Tem sons marcados. A música diminui, fica o instrumental baixinho e encerra.